

OS NOVOS MERCADOS EMERGENTES

A ameaça futura aos países altamente industrializados pela alteração dos novos competidores mundiais na luta pelo mercado global

MIGUEL ALEXANDRE DA SILVA CORREIA*

A aposta num futuro sustentado tornou-se a nova cruzada mundial pela procura da manutenção da estabilidade social e econômica dos países industrializados, face à cada vez maior volatilidade e incerteza dos mercados mundiais os quais condicionam o desenvolvimento e proteção do tecido interno de cada país.

O crescimento econômico das nações industriais mais desenvolvidas, com a exceção da Alemanha, mas incluindo o Japão, Reino Unido, Estados Unidos e Canadá, abrandou consideravelmente entre 2000 e 2009 quando comparado com o período entre 1990 e o ano 2000, enquanto acelerava entre outras nações com ênfase especial na China. Aliás, um estudo do The World Bank (banco internacional para a reconstrução e desenvolvimento), sugere que perto de 2025, seis economias emergentes (Brasil, China, Índia, Indonésia, Coreia do Sul e Rússia) irão acumular mais de metade do crescimento mundial com a consequente elevação de uma classe média consumidora e ávida por consumo.

PAÍSES EMERGENTES

O desenvolvimento tecnológico e a globalização da informação dos últimos anos permitiram o desenvolvimento industrial dos países de uma forma acelerada. Segundo a OCDE, de 12 países que nos anos 1990 duplicaram as suas taxas de crescimento segundo os padrões de avaliação instituídos por esta organização, este número saltou para 83 países em desenvolvimento na década de 2000. Destes, a China e a Índia lideraram o processo de desenvolvimento com forte presença do Brasil e África do Sul, permitindo que estes países continuem a acumular capital e mercado laboral, ao mesmo tempo em que possibilitam uma melhoria das suas capacidades industriais

investindo e desenvolvendo o processo de inovação através de políticas industriais que permitam sustentar o crescimento assente numa produção interna atualizada e diversificada, além de numa colaboração externa com países mais desenvolvidos, de forma a poder aproveitar uma transferência de conhecimento e tecnologia vital para a continuidade do seu crescimento econômico.

Segundo ainda esta mesma organização, entre 2009 e 2011, o crescimento do Gross Domestic Product (GDP) médio anual entre os países aderentes foi de 0,3% contra o dos países emergentes que representaram um crescimento médio de 9,6% para a China, 8,2% para a Índia, 8,5% na Ásia Oriental e do Pacífico, 4% na África Sub-Sahariana e de 3% na América Latina.

Atualmente os GDPs da China e Índia representam, somados, um terço de toda a área dos países constantes na OCDE e pensa-se ser expectável que o ultrapassem em 2060 devido à estratégia de integração progressiva destes países para os mercados globais – estando a transformar-se numa estratégia de investimento ao nível do desenvolvimento das suas infraestruturas internas, aquisição de mais conhecimento e capacidade tecnológica própria, desenvolvendo aptidões e capacidade financeira. Isso tudo, aliado ao acesso consequente de cerca de 4 bilhões de consumidores estimados que ascenderão a uma classe média com potencial poder de compra por volta de 2025 deverá abrir novas oportunidades de crescimento econômico.

Esta aposta em inovação já se pode sentir nos países emergentes através do aumento do registro de marcas próprias onde a China se situou em 2010 como um dos países presentes no top dos cinco países que mais registros produziram, mesmo que o seu investimento em inovação fosse cerca de um

terço menor face ao peso dos países presentes na OCDE e menor que 1% para os restantes países emergentes.

No entanto prevê-se que as políticas de investimento futuras presentes nestes países revelem a preocupação de estímulo na área da tecnologia de comunicação e informação, com objetivo em permitir estreitar a ligação de transferência de tecnologia e conhecimento, permitindo desta forma uma rápida atualização no desenvolvimento industrial, tornando-o sustentável e capaz de apoiar a inovação, ao mesmo tempo em que fortalece a sua competitividade global instalando reformas educacionais de nível estrutural de forma a capacitar a sua força de trabalho.

O FUTURO DAS ECONOMIAS EMERGENTES

Ainda é comumente aceito que as futuras ameaças à economia dos países desenvolvidos deverão ser esperadas de países como a China, Rússia, Brasil ou Índia. No entanto, estes tipos de previsões estão condicionados à volatilidade dos mercados – cada vez mais presente, devido ao rápido e facilitado envolvimento das tecnologias de informação e comunicação. Alterações rápidas devido a diversos fatores-chave permitem uma célere entrada de novos players nos mercados globais sem ser possível prevê-los antecipadamente no longo prazo.

Uma análise da política atual do governo chinês permite revelar tendência para um crescimento mais discreto no futuro já que o país começa a diminuir o volume de investimentos em criação de infraestruturas sendo até suscetível de estar vulnerável a sofrer uma recessão devido a potenciais erros de gestão, falta de controle e deficiente investimento do capital envolvido – como aconteceu com países asiáticos nos anos 1990 (Sharma, 2012). Por outro lado, o quadro eco-

nômico dos países emergentes poderá vir a ser alterado já que países como a Polónia, a República Checa, Coreia do Sul e alguns países democráticos muçulmanos, como a Turquia, que apresentam um crescimento sustentado, poderão tornar-se concorrentes ativos importantes na próxima década obrigando a redefinir as políticas estratégicas dos países desenvolvidos que continuam a apostar num crescimento econômico (Sharma, 2012).

A análise dos mercados futuros deve ser objeto de uma cuidadosa análise, principalmente no curto ou médio prazo, porque já não continua a ser possível extrapolar com um grau de confiança confortável o comportamento futuro dos mercados globais devido à introdução de uma entropia cada vez mais latente permitida pela onipresença crescente das tecnologias de comunicação e informação. Um exemplo pode ser recordado pela análise dos últimos 40 anos da economia global: nos anos 1970 essas tecnologias estavam presentes, através de grandes corporações americanas. Esse foco foi alterado para os recursos naturais nos anos 1980. Outros fatores foram o crescimento do Japão nos anos 1990, o fenómeno do Silicon Valley, finalizando na década de 2010 com o interesse pelos mercados emergentes. O erro potencialmente

introduzido numa análise mais simplista da observação do crescimento econômico mundial no que concerne aos países emergentes, poderá ocultar uma das leis da economia: a que postula que quanto mais rico um país se torna, mais difícil se torna o aumento da sua riqueza nacional a um ritmo rápido, tornando cada vez mais difícil a manutenção de taxas de crescimento em países observados (como a China e Índia), com reflexos nos próximos anos.

Poder-se-á extrapolar uma análise simplista ao comportamento futuro da economia de alguns dos países mais promissores ao crescimento econômico de forma a ter uma possível noção de como poderá se tornar o mercado emergente nos próximos anos (Sharma, 2012). A China, apesar de estar a se estabilizar no que concerne às suas alterações demográficas internas ocorridas, está a verificar um aumento dos custos laborais o que, a par de outros fatores, poderão condicionar uma desaceleração na sua taxa de crescimento, mas permitirá manter-se como um dos principais players no panorama do crescimento global. No entanto, outros dos principais competidores no mercado global, a Índia, poderá sofrer uma perturbação desestabilizadora no seu próprio crescimento econômico

devido a potenciais influências derivadas de problemas internos como a eventual corrupção que possa existir e uma sociedade assente culturalmente em contatos pessoais. Este tipo de contatos poderá transformar-se em entraves críticos ao desenvolvimento sustentado. Em relação ao Brasil, a manutenção de uma das políticas econômicas mais protecionistas do mundo, aliada a uma das moedas mais caras, poderá tornar o país pouco atrativo ao investimento exterior, face outros países mais apelativos em termos de custos de investimento, o que potencialmente poderá comprometer a manutenção da sua taxa de crescimento econômico.

Outro país que poderá ser visto por muitos como um sério candidato – o México – tem a sua associação a potenciais problemas de violência doméstica e um potencial controle virtual da oligarquia estendido a praticamente todo o setor industrial, como fatores que podem tornar o crescimento econômico difícil e pouco atrativo a investidores externos atualmente.

Um dos países que mais tem sido monitorado no quadro competitivo mundial, a Rússia, tem apresentado algumas dificuldades ao nível do investimento estimulado pelo governo em infraestruturas internas, o que

INDEPENDENTE DO PROJETO, OS ARMÁRIOS NILKO SÃO SEMPRE A MELHOR SOLUÇÃO.



Forte, Bonito e Seguro.

Fone: (41) 3661.1800 | SAC 0800 645 1801
nilko.com.br/armarios



aliado a uma já de si deficiente estrutura existente no domínio das ligações para transportes, tem apresentado uma produtividade cada vez menor da sua força de trabalho, tornando-a cada vez mais desinteressante a aposta dos investidores externos apesar dos seus recursos naturais.

OS NOVOS EMERGENTES

Novos países estão a iniciar uma escalada sustentada para a conquista de espaço no mercado global. Na Europa de leste, a elevação de países como a Polónia e a República Checa, devido à sua localização e participação no modelo da União Europeia, estão a conseguir um crescimento sustentado através da aceitação e cumprimento das regras impostas, onde os investimentos externos de outros países europeus desenvolvidos têm permitido ativar o seu crescimento económico. Países como a Indonésia, Tailândia, Filipinas, Coreia do Sul e Taiwan, po-

derão emergir como sérios candidatos ao top dos países emergentes assim como a Turquia onde a sua liberdade religiosa e posição geográfica permitem estabelecer uma ponte de ligação entre o comércio do Médio Oriente, África, Ásia e Europa, aliado a um ambicioso programa de investimento em infraestruturas internas e uma política eficaz contra a corrupção – o que tem permitido desenvolver um crescimento económico sustentado.

Pode-se prever que o futuro seja cada vez mais definido por um crescimento económico dos países de forma moderada (Sharma, 2012), através do regresso ao ciclo clássico de crescimento seguido pelo declínio, onde os mercados emergentes tornar-se-ão cada vez mais cuidadosos na sua abordagem, com o Ocidente a recuperar a sua confiança na liderança devido às estratégias elaboradas na aposta da diferenciação dos setores de mercado. 

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] BAHAR, D.; ET AL. (2013) - Neighbors and the evolution of the comparative advantage of Nations: evidence of international knowledge diffusion, Harvard Editions.
- [2] HAUSMANN, R.; HIDALGO, C., ET AL. (2008) - The Atlas of economic complexity: mapping paths to prosperity, Harvard & MIT editions.
- [3] HEPBURN, D. (2011): Mapping the World's changing industrial landscape, Chatham House.
- [4] OECD (2012) - OECD Economic Surveys, OECD Publishing.
- [5] WB (2011) - Multipolarity: the new global economy, The World Bank.
- [6] WTO (2012) - Trade Profiles 2012: Trade flows and trade policy measures, World Trade Organization.

* *Miguel Alexandre da Silva Correia* é engenheiro mecânico, mestre em Engenharia Mecânica com especialização em Gestão Industrial, apresentou tese de mestrado na Alemanha: "Quarta Revolução Industrial – Os Sistemas Ciberfísicos através da Internet das Coisas". Consultor na área de Gestão de Projetos
E-mail: miguelsilvacorreia@iol.pt

ROBERTO ALDO PESCE (1932/2014)

Faleceu em Santos, no dia 31 de janeiro passado, aos 82 anos, o engenheiro Roberto Aldo Pesce. Nascido em Itatiba (SP), ele completaria 83 anos no dia 22 de fevereiro. Roberto Pesce fez parte, no Instituto de Engenharia, das Divisões de Estruturas, de Mecânica dos Solos e de Geotecnia, colaborando outras vezes em assuntos da Divisão de Saneamento e da de Transportes e de Segurança do Trabalho. Ele foi também engenheiro de segurança e higiene do trabalho, formado pela Fundação Armando Álvares Penteado (Faap), onde lecionou essa cadeira, assim como no Mackenzie.

É de sua lavra o capítulo referente à segurança na construção civil do livro básico de curso de engenharia e segurança no trabalho, editado pela Fundacentro. No Instituto de Engenharia Pesce foi ainda, por diversas vezes, em vários mandatos, membro do Conselho Deliberativo. Fez parte também do Conselho Consultivo e membro da Comissão Editorial da RE-

VISTA ENGENHARIA, além de árbitro e mediador da Câmara de Mediação e Arbitragem do Instituto de Engenharia e de outras câmaras.

Logo após ter-se formado em engenharia civil pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP), em 1956, Roberto Aldo Pesce foi admitido pelo Departamento de Obras Públicas (DOP), como engenheiro responsável pela fiscalização de mais de 20 obras públicas que estavam sendo feitas pelo governador paulista Jânio Quadros na região da Média Sorocabana. Ali ele chegou a supervisionar



22 obras simultâneas em andamento.

A partir daí ele participou também de obras produtivas, pela Construtora Albuquerque e Takaoka, passando a dedicar-se à construção de pontes em protendido, que há muito o fascinavam.

Passado o tempo, Pesce montou um escritório de atividades ligadas à consultoria, das quais destaca um trabalho feito para a Consultora Figueiredo Ferraz a respeito da Ponte Colombo Sales, em Florianópolis, cujo edital de concorrência foi por ele preparado. A obra apresentava enormes dificuldades de fundações, mais graves até do que no caso da Ponte Rio-Niterói (RJ), que estava sendo construída na mesma época.

Outro trabalho que exigiu grande dedicação foi a supervisão da equipe de acompanhamento técnico de todos os viadutos da Rodovia dos Imigrantes, durante a construção do primeiro trecho de serra. "Meu irmão Carlos, já falecido, foi quem realizou o acompanhamento técnico das obras de túneis e de contenção", costumava citar Roberto Pesce. 

Sistemas de transmissão é com a CPFL Serviços. Interligando fronteiras com eficiência e resultado.

A CPFL Serviços oferece soluções completas para o consumo e a geração de energia em alta tensão, desde a elaboração de projetos, construção de linhas de transmissão e subestações de 69 kV a 500 kV.

Nosso escopo engloba:

- Estudos de viabilidade técnico e financeiro;
- Elaboração de projetos civil, elétrico e eletromecânico;
- Obras civis, montagem eletromecânica, comissionamento e energização;
- Testes finais, treinamentos técnicos operacionais e energização.

E ainda para linhas de transmissão:

- Estudo de rota e implantação de traçado;
- Levantamento cadastral da faixa de servidão;
- Assessoria para obtenção de licenciamento ambiental.

Viabilidade do negócio em instalações turnkey ou em regime de BOT (Build, Operate and Transfer).



Para mais informações:
www.solucoescpfl.com.br
(19) 3756-2755


cpfl serviços
Uma empresa do Grupo CPFL Energia